



## A obra do Redentor

A Revelação das Sagradas Escrituras nos mostra que o Eterno decidiu redimir o homem, levá-lo de volta para casa. Também vimos que este plano de salvação de alguma maneira está centrado em Cristo Jesus, o Messias, o Verbo Encarnado, *Vere Deus, Vere Homo*. Cristo veio realizar essa obra de salvação. Este tema constitui uma imensa área de teologia chamada de “Soteriologia”. A questão é: como Deus executou seu plano de redenção do homem caído através de Cristo e em Cristo?

A resposta a essa pergunta aponta para a Boa Notícia, A Mensagem, O Evangelho. O termo “Evangelho” é uma palavra que vem do grego e quer dizer “boa notícia”. Os cristãos utilizam essa palavra de duas formas: significando a mensagem cristã de redenção do homem caído centrada em Cristo como um todo e os livros intitulados “Evangelhos”, exposições narrativas da história terrena de Jesus.<sup>1</sup> Vamos considerar o Evangelho como “a mensagem sobre como nós fomos resgatados da perdição”.<sup>2</sup> Neste sentido o Evangelho é uma mensagem (e não um aviso como destaca Keller)<sup>3</sup> de salvação que pode ser articulada de diversas formas. No entanto, o Evangelho precisa necessariamente do aporte de algumas doutrinas básicas (Criação, Queda, Redenção) e aponta para alguns elementos que compõem essa Mensagem: Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Para compreendermos essa boa notícia, vamos nos concentrar em quatro aspectos com relação ao Evangelho: o que Jesus fez, por que fez, por quem fez e para que fez. Teremos como base o texto do Evangelho de Marcos, capítulo 15.

## O que Jesus fez?

A obra salvadora de Jesus geralmente é descrito a partir dos movimentos de sua vida: o Mistério da Encarnação, seu Ministério Público, sua Paixão, sua Morte e sua Ressurreição. Embora todos esses elementos seja importantes como a obra de Cristo, fica claro tanto pela estrutura dos Evangelhos como pelos Credos e Confissões que no centro do Evangelho está a Paixão de Jesus. A palavra “paixão” tem seu sentido arraigado no termo grego “pathos”, cujo sentido é “sofrimento”. O Catecismo de Heildeberg de 1563, após citar o Credo Apostólico na resposta de número 23, retorna ao ponto do sofrimento de Jesus na pergunta 37: “O que você quer dizer com a palavra ‘padeceu’? Que Cristo, em corpo e alma, durante toda a sua vida na terra, mas principalmente no final, suportou a ira de Deus contra os pecados de todo o gênero humano”.

O sofrimento de Jesus inicia em sua encarnação, quando Jesus toma sobre si nossa condição. No entanto, conforme a narrativa dos evangelistas o sofrimento de Jesus atinge seu ápice na cruz e é composto de duas componentes: a dor física estampada no ritual da crucificação e o sofrimento interior de Jesus expresso pelo abandono crescente, indo do abandono de seus discípulos e apóstolos até o abandono do próprio Deus.

A dor física que envolve a cruz deixa claro que a cruz não foi uma morte esterelizada e ressalta a verdade de que Jesus foi morto de maneira brutal, injusta e cruel. Os espancamentos que precederam a crucificação, a coroa de espinhos em sua cabeça, o ritual envolvendo a via crucis e todos os eventos em torno da morte de Jesus demonstram uma insuportável dor física (v.25). A cruz era um método crudelíssimo de execução que unia uma profunda tortura física a uma vergonhosa e humilhante exposição, fazendo jus ao adjetivo de “maldita”.<sup>4</sup> Jesus abraçou voluntariamente tudo aquilo que não estamos dispostos a fazer: aceitou a dor física e recusou todo e qualquer alívio oferecido pois queria estar consciente ao entregar sua própria vida na cruz do calvário (v.23). No entanto, após a crucificação podemos perceber um sofrimento ainda mais intenso e brutal experimentado por Jesus. O clamor de abandono de Jesus indica que não era o sofrimento físico ou o abandono de seus amigos sua maior dor, mas a perspectiva de estar afastado do Pai ao levar sobre si o pecado e a alienação do homem (v.34). A Confissão de Fé de Westminster entalha a dor física o sofrimento interior de Jesus ao declarar Cristo “padeceu imediatamente em sua alma os mais cruéis tormentos, e em seu corpo os mais penosos sofrimentos; foi crucificado e morreu” (CFW, Cap. 8, Art. 4).

## Por que fez?

Por que Jesus fez tudo isso? Por que é necessário que Jesus morra? Não haveria possibilidade de resolver o problema do pecado humano de outra maneira? Berckof deixa claro que Deus não poderia simplesmente desconsiderar a

<sup>1</sup> VIELHAUER, Philipp. História da Literatura cristã primitiva. Santo André: Editora Academia Cristã, 2005, p.284

<sup>2</sup> KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.29

<sup>3</sup> KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.29

<sup>4</sup> MACARTHUR, John. *A Morte de Jesus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p.196-205

rebelia da criatura e ignorar o pecado humano por causa de sua santidade e de sua perfeita justiça.<sup>5</sup> Por outro lado, nós jamais conseguiríamos resolver o problema de nossos pecados, pois “nosso pecado é grande; nosso poder em repará-lo, mísero”.<sup>6</sup> Jesus abraçou voluntariamente o sofrimento por causa da gravidade do pecado humano que atrai a ira do julgamento justo de Deus. Nesta história o véu da separação ilustra a distância que havia entre Deus e o homem por causa do pecado e as trevas que invadiram a terra entre o meio dia e as três horas da tarde atestam o julgamento divino sobre o pecado humano (v.33, 38).

Desconexão e condenação: dois problemas insolúveis. O pecado é um mal colossal, um problema de proporções cósmicas. Para cumprir a justiça e simultaneamente derramar sua misericórdia o Senhor teria de substituir o homem por alguém que pudesse levar sobre si o peso do pecado e ao mesmo tempo morrer substituindo o homem pecador. Esse mediador teria de ser perfeitamente santo e perfeitamente amoroso. Perfeitamente santo para levar o pecado e perfeitamente amoroso para morrer debaixo das mãos do homem que viera salvar. Jesus fez o que fez por que somente ele poderia cumprir toda a justiça e carregar todo o pecado. Jesus é aquele que derrama sua justiça sobre o homem pecador enquanto leva seus pecados e os encrava na cruz.

### **Para que fez?**

Mas afinal, qual é o propósito do que Jesus fez? Para que? Jesus se tornou homem, cumpriu a Lei e se entregou para morrer em nosso lugar para nos levar de volta para casa. Keller nos lembra que Jesus Cristo viveu uma vida perfeita – o único ser humano a fazê-lo (Hb 4.15). Ao final de sua vida, Ele merecia bênção e aceitação; no final de nossas vidas, por que todos vivemos em pecado, merecemos rejeição e condenação (Rm 3.9-10). Ainda assim, quando veio a plenitude do tempo, Jesus recebeu em nosso lugar, na cruz, a rejeição e condenação que merecíamos (1Pe 3.18), para que, quando crêssemos nele, recebêssemos a bênção e aceitação que Ele merece”.<sup>7</sup> Dessa forma, por meio de sua morte na cruz Jesus “tomou para si todas as consequências da rebelia humana [...] para que pudéssemos ser recebidos em nossa verdadeira casa”.<sup>8</sup>

Esse retorno para a casa, para o relacionamento pessoal, amoroso e íntimo com o Criador é proclamado pelos evangelistas de maneira dramática e contundente por meio da narrativa do véu rasgado. O véu era um cortina espessa de separação entre o Santo Lugar e o Santíssimo Lugar dentro do templo. O Santíssimo Lugar indicava a presença do Eterno e o véu era um símbolo claro de desconexão, de que independente do que façamos, sacrifícios ou qualquer coisa boa, jamais podemos estar face a face com Deus por causa do pecado. As barreiras para chegar a Deus estavam em todo lugar para mulheres e gentios, mas o véu é a última barreira de separação pela qual nem mesmo os sacerdotes poderiam passar.

O rasgar do véu é o sinal do Pai de que estamos livres para voltar para dentro de casa, uma vez que o templo e o tabernáculo foram uma metáfora para o lugar de encontro entre Deus e o homem, uma alusão a relacionamento íntimo e pessoal que tínhamos com o Criador no Éden, nosso primeiro lar. Jesus é expulso de casa para que possamos ser levados de volta para casa, Jesus é rejeitado para que possamos ser aceitos em seu lugar. Jesus morreu na cruz para nos levar de volta para casa, para nos reconectar ao Criador, para experimentarmos um relacionamento pessoal coma a Trindade.

### **Por quem Jesus fez?**

Mas afinal, por quem Jesus fez tudo isso? Este é um ponto crucial na compreensão do Evangelho, pois se por um momento confundirmos Jesus com um mártir que morreu por uma causa, por um ideal ou por um movimento não veremos Cristo como Redentor.<sup>9</sup> Saber que Jesus morreu é apenas um fato histórico a não ser que entendamos que sua morte foi vicária! O termo vicário vem do latim “vicaris” que significa “substituto”.<sup>10</sup> Isso quer dizer que Cristo nos substituiu em nossa morte e se tornou nosso novo representante diante de Deus, nosso segundo Adão, o Mediador de um novo Pacto, o Pacto da Graça! Ao afirmar a morte substitutiva de Cristo estou afirmando que Jesus era inocente mas que morreu pelos meus pecados. Neste momento nos tornamos o homem e a mulher por quem Jesus morreu. Nós somos as pessoas que deveriam ter morrido por causa de nossos pecados mas Cristo morreu em nosso lugar.

É imprescindível que entendamos que na cruz Jesus morreu por mim e por você. Se essa consciência de que Jesus morreu por mim, em meu lugar, não for profunda e clara, corremos o risco de transformar a cruz em algo banal, um amuleto. A cruz salva apenas e tão somente por que era a minha cruz que Jesus levou sobre si. Jesus morreu na cruz para me substituir diante da condenação merecida pelo pecado e assim cumpriu o plano de salvação do Eterno.

<sup>5</sup> BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985, p.193

<sup>6</sup> PLANTINGA, Cornelius. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.87

<sup>7</sup> KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.35

<sup>8</sup> KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.132

<sup>9</sup> STOTT, John. *Por que sou cristão? Viçosa: Ultimato, 2004, p.58*

<sup>10</sup> BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985, p.195